



Revista Epistemologia
ISSN-2526-4761

Editorial

Distopias e Filosofias

A filosofia de Thomas Kuhn trouxe uma série de importantes formas de interpretar a prática científica, onde a história passou a ser compreendida como parte significativa desta dinâmica. Em sua “A estrutura das revoluções científicas” de 1962 Kuhn nos brindou com alguns conceitos importantes como *paradigma*, *ciência normal*, *anomalias* e *ciência extraordinária*. A ciência não era mais vista, a partir de então, apenas como uma estrutura lógica relacionada à descoberta – mas era sugerida que as mudanças científicas se davam por aumento de problemas não resolvidos e que por vezes eram ignorados; ao contrário que uma ciência normatizada pelo *falseacionismo* de Popper poderia propor. A ciência em seu período normal seria extremamente tradicionalista, permanecendo fiel ao seu paradigma e ignorando uma série de problemas – sendo o paradigma, dentre várias formas de descrever tal termo, como uma matriz de modelos. Após muitos problemas ignorados e não solucionados uma crise pode se instalar e deste processo pode surgir novos paradigmas: note que esta dinâmica pode se relacionar com um processo histórico dentro da ciência.

Em 2022 foi o ano do centenário de Thomas Kuhn e de Lakatos – outro filósofo da ciência que trabalhou a história dentro da prática científica – e entre 2022 e 2023 vimos nascer em nosso mundo uma série de novas abordagens interação com a tecnologia que não tínhamos visto antes; vimos a explosão de robôs de conversação que alega-se ter algum nível de inteligência artificial a ponto de impactar ao mundo – robôs que supostamente criam figuras, respondem perguntas etc. O surgimento de tal tecnologia implica a reflexão da ética de seu uso, pois há dúvidas sobre a originalidade de seus resultados (se usam obras de artistas de forma indevida, ou se realmente criam); neste sentido a reflexão ética é cada vez mais necessária para saber sobre os limites de tal cenário. E tal cenário parece por vezes distópico em relação aquilo ao que já imaginamos: lembrando cenários que por vezes as ficções científicas já chegaram a desenhar. Como forma de convite a pensar os limites filosóficos de tais tecnologias colocamos a capa desta edição criada por uma plataforma (plataforma Canva), onde é possível perceber que a figura apresentada não se afigura como algo real. No entanto, no tempo de lançamento desta edição vimos acontecer no mundo a ascensão do uso de plataformas como esta e de discussões cada vez mais gerais a respeito; vimos a discussão sobre seus usos e estamos no início de pensarmos o limite para tais tecnologias; chegamos até



Revista Epistemologia

ISSN-2526-4761

mesmo a um episódio onde um dos vencedores do prêmio Jabuti estava em coautoria com uma destas plataformas – no episódio em questão a obra foi posteriormente desclassificada porque não atendeu ao pressuposto de ser uma obra de criação inteira e genuinamente humana.

A partir de tais questionamentos colocamos nossa capa com uma imagem que demarca a sua artificialidade ao mesmo tempo que acontecimentos, como o já citado, chegaram a colocar em dúvida onde eram criações de máquinas ou de seres humanos. Este cenário de questionamento poderia ser muito bem uma história de ficção científica, pois este estilo de literatura por muito tempo questionou-se sobre os limites da humanidade e como seriam as nossas possíveis relações sociais e epistemológicas com as tecnologias criadas. Imbuídos na perspectiva sobre como as ficções científicas podem adiantar cenários possíveis, criar utopias, ou alertar distopias, trazemos em nosso número o artigo da autoria de Sandro Feliciano, da UFABC, que questiona justamente sobre como a ficção científica se relaciona com o processo de revolução científica – nos moldes de revolução trazidos por Thomas Kuhn.

Arnaldo Vasconcellos.